

LAÇOS DE ONIPOTÊNCIA E CULPA NO FUNCIONAMENTO OBSESSIVO

| MARIA DE LOURDES NEGREIROS LIMA ¹

RESUMO

O trabalho aborda as inquietações experimentadas na análise de um paciente com funcionamento obsessivo, ressaltando as vicissitudes dos movimentos transferenciais/contratransferenciais vividos no encontro com ele, assim como as férteis possibilidades de aprendizado suscitadas na construção de uma dupla analítica. O texto faz um percurso em torno das características do funcionamento obsessivo destacando a paralisação mental marcada por suas rígidas defesas narcísicas e a ação da pulsão de morte depreendida a partir da violenta dimensão compulsiva em ação nos rituais mobilizados. Recorrendo aos aportes teóricos fundamentados nos escritos de Freud, Green, Ferenczi e Fédida, a autora salienta a relevância da disponibilidade do analista para ofertar um espaço continente que propicie ao paciente a possibilidade de ressignificar as dores não nomeadas, vividas nos tempos mais primitivos de suas relações objetais.

Palavras-chave: funcionamento obsessivo, narcisismo, pulsão de morte, transferências.

ABSTRACT

This paper is about the concerns experienced in the analysis of a patient who had an obsessional functioning, emphasizing the vicissitudes of the transferential/countertransferential movements in the encounter with the patient, as well as the fertile learning possibilities stimulated by the analytic dyad development. This paper discusses the characteristics of the obsessional functioning, highlighting the mental paralysis as a rigid narcissistic defence mechanism, and the action of the death drive comprehended from the violent compulsion dimension in action in mobilized rituals. Using theoretical approaches based on the work of Freud, Green, Ferenczi and Fédida, the author emphasizes the importance of the analyst's availability to offer a continent space that gives the patient the possibility to resignify unnamed pains experienced in the most primitive times in object relations.

Keywords: obsessive functioning, narcissism, death drive, transferences.

¹ Psicóloga. Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Coordenadora do Núcleo de Psicanálise da Infância e da Adolescência (NUPIA) da SPFOR.

“Tortura do pensar! Triste lamento!
 Quem nos dera calar a tua voz!
 Quem nos dera cá dentro, muito a sós,
 Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar! ... e o pensamento
 Sempre a morder-nos bem, dentro de nós ...”

(Florbela Espanca)

PEDRO

Pedro tem 48 anos, apresenta-se vestido de modo formal, e chama atenção o uso de um perfume forte que preenche a sala de um modo marcante. Ele me procura porque está noivo e a relação tem sido pautada por intensas discussões. Acredita que se isso não se resolver, o relacionamento pode desmoronar. Conta que tudo corria bem até que a noiva começou a se queixar de seu autoritarismo.

– Nunca fui autoritário, sempre procurei atender seus desejos, mas depois que ela resolveu fazer análise, tudo mudou. Antes, o que eu lhe dava, bastava, mas, agora, ela está assim, se sentindo toda por cima. Enfim, mas, se análise é bom para ela, deve ser bom para mim também. Então eu vim.

Pedro me fala que a noiva, indo buscar análise, estava se sentindo por cima e desqualificando o que ele lhe dava.

– Se foi bom para ela vai ser bom para mim, ele diz.

E eu, internamente, escuto:

– Espero que você me dê coisas tão boas quanto as que ela está recebendo. Não posso ficar por baixo.

Pedro continua:

– Isso tudo está me deixando muito ansioso. Agora estou com umas manias de limpeza. Fico lavando as mãos várias vezes, pois tenho a impressão de que estou sujo e posso pegar alguma doença. Aí vem aquela coisa na cabeça de que preciso me limpar. É algo que não consigo controlar. É uma sensação de que nunca estou plenamente limpo. Isso está me deixando muito irritado e cansado.

Enquanto Pedro fala, penso sobre sua necessidade de estar plenamente limpo. Fico imaginando de quais sujeiras me fala e percebo a angústia que tudo isso mobiliza. Me sinto capturada por seu sofrimento e fico conjecturando como será nossa caminhada ali no encontro analítico.

Ao longo dos primeiros meses de análise, constatamos que os rituais de higiene se intensificaram e foram comprometendo suas atividades pessoais e profissionais. A noiva, preocupada com seu retraimento, decidiu mudar-se para seu apartamento temendo que ele entrasse em depressão. Por outro lado, a família passou a responsabilizar a análise pela situação de Pedro. Diziam que ele teria piorado muito, “depois que se envolveu com psicanalista”.

Quando o paciente me falava sobre isso, eu ficava pensando que ele também me comunicava sua desconfiança de que o contato comigo (esse outro/psicanalista) o fizera adoecer. Mas, ao mesmo tempo, entendia que ele estava me pedindo para ajudá-lo a sustentar nosso vínculo, pois em vários momentos solicitava sessões extras e sondava se nosso horário estava mantido, já que sonhava, com frequência, que eu precisaria ceder seus horários para outro paciente mais necessitado. Penso que Pedro, ao mesmo tempo que negava a sua necessidade de análise (projetando-a em outro paciente mais necessitado), esperava que nosso vínculo analítico viesse ajudá-lo a confrontar suas fantasias de sujeiras advindas do contato com o outro (e consigo mesmo). Submetido às obsessões, as reações [de] dele oscilavam entre uma postura ora arrogante e onipotente, ora caracterizada por movimentos de caráter depressivo.

OBSESSÃO E PULSÃO DE MORTE

Sabemos que o termo obsessão se refere a pensamentos ou ideias que invadem a mente de modo persistente e repetitivo. Essas ruminções geralmente vêm acompanhadas de angústia e culpa, e deixam a mente prisioneira de ditames bizarros que regulam o que é permitido ou proibido. Submetido a um pensamento mágico onipotente, o sujeito não vê nenhum sentido nos atos compulsivos que realiza, mas acredita que precisa atuá-los para evitar que coisas muito ruins aconteçam.

Pedro me falava que, ao mesmo tempo em que uma parte de sua mente repudiava os pensamentos obsessivos, abdicar desses pensamentos não representava uma opção diante do nível de angústia experimentado. Acredito que a ação da pulsão de morte pode ser apreendida a partir dessa violenta dimensão compulsiva em ação nos rituais obsessivos.

FREUD E A ESCOLHA DA NEUROSE

Freud (2006a), em 1897, renunciando à teoria da sedução, abre espaço para a hegemonia da fantasia e formula o conceito de realidade psíquica.

Nesse contexto, a gênese da neurose é repensada situando-se nas experiências conflitantes associadas às realizações das fantasias inconscientes. Em algumas situações, a força da pulsão pode ser vivida como tentação perigosa contra a qual o ego necessita defender-se, cercando-se de medidas de proteção tais como os cerimoniais neuróticos. Ao assumir um caráter ansiogênico, os desejos sexuais infantis passariam a exigir um recalçamento. Entretanto, na neurose obsessiva, esse recalçamento revela-se frágil, e as proibições surgem visando manter à distância as situações que podem dar origem às tentações proibidas.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, Freud (2006b) aponta

que as funções sexuais percorrem diversas fases de desenvolvimento desde o autoerotismo até a configuração sexual genital. Nesse percurso poderão ocorrer *pontos de fixação* para os quais a função sexual viria a regressar. Os caminhos tomados pela neurose seriam determinados pelo ponto em que ocorrem essas fixações, identificadas como inibições do desenvolvimento. Esse movimento de retorno, orientado pela regressão, indica que a libido é novamente dirigida a esses pontos e deles emerge na forma de sintomas.

A neurose obsessiva se caracterizaria, então, pela fixação e posterior regressão à organização pré-genital anal-erótica à qual estão fortemente ligados os instintos sádicos. Dessa forma, haveria uma forte tendência à irrupção de impulsos agressivos na vida dos neuróticos obsessivos, levando à hostilidade em relação ao objeto da escolha libidinal. O ódio e a agressividade ganham a cena nesse funcionamento promovendo uma dinâmica destrutiva. Nesse cenário, alargamos a compreensão do campo do pulsional, ao incluímos sua dimensão mortífera.

NUNCA FIZ NADA POR AMOR. NEM TE AMAR FOI POR AMOR.

Em seu relevante estudo de caso acerca da neurose obsessiva, *O homem dos ratos*, de 1909, Freud (2006c) sugere que o ponto central desse conflito é um desejo agressivo, um desejo de morte, dirigido a um objeto amoroso. Sob a influência da organização sádico-anal, as pulsões sexuais, dirigidas ao objeto, sofrem transformações assumindo características pautadas pela agressividade e pelo ódio. A luta estabelece-se, portanto, entre o ego e as manifestações sexuais ligadas à organização sádico-anal.

Em 1915, Freud (2006d) postula que o eu pode ficar indiferente diante do pulsional, numa atitude de passividade interna que não necessariamente será adotada para com outra pessoa. Ele exemplifica que o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo.

Nas reações de Pedro, ficava evidente esse movimento agressivo e a luta engendrada para contorná-lo. Ao mesmo tempo que dizia amar a noiva incondicionalmente, tentava assumir o controle, por vezes tirânico, de seus comportamentos. Quando

confrontado com suas queixas, demonstrava profunda irritação. Ele retrucava:

– Só o que faltava, a Helena agora quer visitar os pais todo fim de semana. Isso atrapalha nossa rotina, além do que, eles são pessoas muito pobres intelectualmente. Acho que eles não engoliram o fato dela vir morar comigo antes de nos casarmos. Sou muito religioso e jamais aceitaria que minha noiva viesse morar comigo se a circunstância fosse outra. A iniciativa foi da Helena e é bom para ela, pois fica mais perto do seu trabalho. Às vezes acho que eles pensam que adoeci para forçar a barra e ela vir logo morar comigo. Isso me irrita muito.

A fala de Pedro sugeria claramente a hostilidade experimentada quando a noiva (o outro), manifestava desejos diferentes dos seus. Em muitos momentos observei nele uma necessidade de se opor, e argumentar infinitamente, frear toda iniciativa que não fosse a sua. Chamava minha atenção a busca frenética pelo controle sobre si mesmo e sobre o outro. Sua severa moralidade religiosa era devidamente projetada nos sogros. Ao enfatizar que estes achavam que adoecera para provocar a mudança da noiva, penso que me contava sobre seus próprios fantasmas carregados de desejos proibidos e de consequentes culpas.

Pedro dizia:

– Essas discussões com a Helena só me fazem piorar. Sinto que meu TOC piora muito nessas horas. Estou me esforçando para melhorar, doutora, mas a vida também não colabora. A Helena diz que quer me ajudar, mas com essas raivas que me faz, só me estressa e eu pioro. Se não houvesse tantas tensões, eu já estaria curado.

Parece que Pedro me dizia: *Se não houvesse outros, se não houvesse sujeitos com seus desejos e necessidades eu não teria adoecido.*

Em seus relacionamentos amorosos, o obsessivo muitas vezes luta para invalidar o desejo do outro, mostrando-se disponível para suprir tudo que for solicitado. Na realidade, apropriando-se da satisfação das demandas do outro, ele espera que o desejo do outro se cale. Entendemos que o desejo/prazer do outro parece perturbar o obsessivo, sendo necessário colocá-lo na mera posição de objeto.

ESTAR NO COMANDO E CONTROLAR O QUE ENTRA E SAI DA SUA MENTE E DA MENTE DO OUTRO: UMA NECESSIDADE DO OBSESSIVO

Evocando o próprio jogo contraditório de forças de reter e expulsar inerentes ao exercício da musculatura anal, constatamos a satisfação indireta da agressividade sustentada pelo prazer do movimento sádico-anal. Nas experiências de aprendizado dos hábitos esfinterianos, quando convocada a presentear os pais com o controle de seus excrementos, a criança/paciente mostra-se poderosa e soberana da sua interioridade. Nesse sentido, Pedro expressava um prazer inquestionável quando se sentia no comando do que daria ou negaria ao outro.

No trabalho com ele, eu sentia que interpretações saturadas, pautadas em conteúdo contratransferenciais, mobilizavam imediato rechaço e distanciamento. O saber intelectualizado frequentemente contido em seu discurso não remetia a um desejo de saber sobre si. As interpretações, por vezes, lhe reportavam à quebra de sua onipotência. Ao mesmo tempo em que eu procurava não aumentar suas defesas narcísicas, me preocupava também em não me oferecer como mero depósito de suas angústias. Ele esperava que eu me comportasse como uma mãe/analista benevolente que funcionasse como um objeto idealizado que complementasse suas faltas narcísicas. Pedro ignorava a destrutividade de seu funcionamento permanecendo apoiado num eu idealizado. Diante dessa demanda rígida eu tentava pensar sobre a importância de poder lhe oferecer também uma analista com função paterna, e tentava encontrar propostas de intervenções que o motivassem a pensar. Algumas vezes eu mostrava a Pedro como era penoso lidar com a existência de um outro com suas demandas tão diferentes.

Refletindo sobre a onipotência Ferenczi (1992) aponta que se trata de se ter tudo o que se quer sem lidar com qualquer falta, não tendo mais o que desejar. Segundo o autor a obsessão se refere a um funcionamento onde desejar seria idêntico a agir.

A RELAÇÃO PRIMORDIAL ENTRE OS HOMENS É O ÓDIO, NÃO O AMOR

Em determinada sessão, Pedro comenta:

– Eu amo muito minha noiva, ela é muito importante para mim, mas, essa relação dela com os pais me irrita muito. Eu sou uma pessoa civilizada e jamais faria algo que pudesse machucar minha noiva, mas, às vezes, tenho que fazer muito esforço para não estourar. Mas não tenho índole para ser agressivo.

No artigo *Os instintos e suas vicissitude*, de 1915, Freud (2006d) sugere que o ódio, e não o amor, é a relação primordial entre os homens:

O ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos autopreservativos, de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio (p.143).

Nessa perspectiva, para a teoria freudiana, a primeira reação à alteridade é sempre o ódio. Isso faz parte do desenvolvimento típico da natureza humana como o autor aponta, em 1913, no trabalho *A disposição à neurose obsessiva* (Freud, 2006e).

Para Pedro, os impulsos amorosos travavam uma sofrida batalha contra os impulsos sádicos, o que tornava sua vida mental um continente de inúmeras ambivalências.

Ele falava:

– É estranho, sei que amo minha noiva, mas as vezes me pergunto se ela é mesmo a mulher da minha vida. E se eu estiver me precipitando? E se houver uma pessoa muito especial reservada para mim e estou perdendo a chance de conhecer? Às vezes tenho muitas dúvidas.

O estágio sádico-anal, sendo marcado pela ambivalência pulsional, promove dissociação entre os componentes eróticos e os destrutivos, e tal movimento leva à presença constante de dicotomias facilmente observáveis, tais como amor/ódio, expulsão/retenção, onipotência/culpa.

Como medida de precaução contra os impulsos hostis, e para evitar a angústia, o obsessivo está sempre tentando desfazer o que acabou de fazer. Fazer e desfazer, odiar ou proteger estão no âmago do intenso conflito de ambivalência que marca essa dinâmica em que o ego é submetido a um campo de batalhas que paralisa a capacidade de pensar e de tomar decisão.

Freud (2006c), em 1909, elucida que essas dúvidas escondem, na verdade, a dúvida do neurótico obsessivo sobre o seu próprio amor aos outros.

Pedro manifestava grande inquietação diante de mínimas decisões que precisasse tomar. Em algumas situações, isso ocorria com a presença/ausência nas sessões de análise.

Com frequência a seguinte situação se repetia: ele me pedia para mudarmos seu horário e, próximo ao novo horário combinado, ligava solicitando que voltássemos ao seu horário anterior.

Em determinada ocasião em que eu não o atendi em sua solicitação, ele comentou:

– Eu entenderia se a senhora sentisse raiva dessas minhas indecisões, porque eu mesmo tenho muita raiva dessas coisas que eu faço sem conseguir controlar. Tenho medo da senhora não aguentar e isso acabar estragando tudo. Mas aí penso que a senhora é uma profissional experiente e deve saber lidar com esses pepinos dos seus pacientes.

Eu tentava aproximá-lo de suas angústias e projeções:

– Tentar mudar de horário parece ser uma forma de organizar as coisas do seu modo, não ficando à mercê do outro. Mas quando eu não acato seu pedido, você tem medo de não controlar sua raiva, e espera que eu possa cuidar desses pepinos para que nosso trabalho não seja estragado por essas coisas que você ainda não consegue controlar.

Em seu trabalho de 2010, Almeida explica que esse constante embate interno de controlar e regradar a própria vida acaba sendo a forma encontrada pelo obsessivo para lidar com a incapacidade de decidir, surgida ainda na infância, quando lhe foi exigido escolher quem amaria.

Green (2005a) afirma que, no funcionamento obsessivo, é fundamental o papel da organização genital ligada à problemática edipiana. Para ele, a linguagem da genitalidade se faz ouvir na transcrição sádico-anal, não havendo um desligamento definitivo dos objetos incestuosos que agem disfarçados através dos sádico-anais. Nesse contexto, a identificação edipiana, ou seja, a interiorização da lei, realiza-se de forma frágil.

Green (2005b), ao se decepcionar com o objeto na configuração edipiana, o ego encontrará abrigo em um refúgio precário onde se sentirá protegido, qual seja, na auto idealização: “Tudo se passa como se na neurose obsessiva esse empréstimo, que fornece à interdição edípica a energia necessária para seu funcionamento, devesse ser indefinidamente renovado” (p. 215-16).

Coimbra de Matos (2003) afirma que o obsessivo desvaloriza a genitalidade, em proveito da analidade, dando lugar a uma regressão da relação triangular para a relação dual. O problema da personalidade obsessiva estaria relacionado com a dificuldade em elaborar a confrontação com o rival edípico. Segundo o autor, a agressividade na falta de um objeto adequado mobilizaria o controle obsessivo do objeto. Ou seja, os aspectos traumáticos próprios à gênese da neurose obsessiva são decorrentes do modo de relação construído com o objeto primário.

A esse respeito, Kristeva (1988), destaca que a mãe do obsessivo tende a colocá-lo

na posição de objeto de seu desejo. De acordo com a autora, o obsessivo mantém a *mãe enterrada* em seu psiquismo, uma mãe demasiadamente viva que exerce seu domínio ininterruptamente.

Devido a tal condição, o sujeito permanece aprisionado nesse lugar, perpetuando uma modalidade de relação pautada pela satisfação absoluta. A reatualização do sentimento de onipotência seria um recurso que o ego vem acionar como defesa para fazer frente ao traumático.

Green (2005a) aponta que no desprezo pela produção do outro, o obsessivo nos conta sobre a subestimação de seus próprios produtos. O superego do obsessivo ataca o ego de maneira implacável. O ego se curva e acata o que o superego dita e deseja. Parece que na conjuntura entre o permitido e o proibido, as culpas, inerentes à não interdição edipiana, cobram um valor que precisa ser pago eternamente. Nesse cenário, o obsessivo repudia e transpõe seu próprio desejo.

Ainda conforme o pensamento de Green (2005b) em *Metapsicologia da neurose obsessiva*, publicado em 1965, ao assumir o controle do que fala, pensa e sente, o obsessivo evita o contato com experiências afetivas inesperadas, sejam elas de amor ou de ódio. Na tentativa de evitar um investimento agressivo, a pulsão, nesse caso, quer evitar que o sujeito encontre o objeto.

A ambivalência marcava os pensamentos e os atos de Pedro. Entrincheirado na batalha intrapsíquica inerente ao jogo contraditório de hostilizar/proteger o objeto, o paciente acabava por imobilizar o curso dos acontecimentos, favorecendo a inércia. Em muitas ocasiões, eu me encontrava diante de um eu blindado, em alerta constante, contra a manifestação da agressividade que poderia ser dirigida tanto contra si mesmo quanto contra o outro. Eu me sentia o alvo de suas contidas hostilidades quando, em algumas situações, ele parecia estar me dando broncas disfarçadas de recomendações. Ele dizia:

– Sabe doutora, com todo o respeito, vou lhe dar uma sugestão. Parece que esse profissional que chamou pra consertar seu ar-condicionado não sabe trabalhar direito. Aliás, outro dia já lhe disse que tenho uma pessoa muito boa que faz esse serviço, mas não sei se a senhora escutou. Eu falo

porque acho inconcebível a senhora ficar gastando dinheiro à toa quando eu conheço alguém que poderia resolver isso rapidamente. Mas é claro a senhora aceita se quiser. Não quero me intrometer nas suas coisas. Digo só para ajudar mesmo.

Nessas horas eu me encontrava com um Pedro *segurando a raiva* devido ao fato de eu não ter escutado sua sugestão/ordem. Em sua defesa onipotente, ele esperava o cumprimento rigoroso de suas ideias. Talvez para perpetuar a fantasia de controle absoluto de tudo, talvez porque precisasse se reassegurar de que também tem coisas boas para me oferecer.

Resolvo me aproximar de suas defesas e lhe digo:

– Sabe Pedro, acho que ao me dar sugestões para eu resolver as coisas e não se sentir escutado, talvez você tenha sentido como se eu não pudesse valorizar as boas coisas que você tem para oferecer. Fiquei pensando se isso que aconteceu aqui conosco não se parece com aquelas situações do seu trabalho, em que você me conta que a instituição não valoriza devidamente suas produções.

Depois de alguns instantes de silêncio Pedro fala:

– Não sei. Talvez. Nunca tinha pensado assim.

Ao que eu pondero:

– Então, quem sabe estamos aqui podendo construir pensamentos novos...

A análise de Pedro se estendeu por vários anos e muitas vezes eu me perguntava se o que tínhamos ali naquele encontro continha elementos propiciadores para seu crescimento, tal era a inércia que sentíamos diante dos ditames de seu funcionamento obsessivo mortífero. Em alguns períodos, eu me sentia enxugando gelo com a sensação de que Pedro não desejava, ou não podia, abdicar dos atos obsessivos em prol do pensar.

Por vezes eu recorria aos escritos de Fédida (2003, p. 153): “Não nos esqueçamos, que por mais penoso que seja o sofrimento da doença, temer-se-ia abandoná-lo, como se devesse abandonar sua identidade, com o risco de ser pura e simplesmente aniquilado”.

Ou como nos alerta Clarice Lispector (2002, p.165): “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que um analista, com disponibilidade para acolher conteúdos indigestos não simbolizados, pode funcionar como alimento para os movimentos psíquicos que promovem vida.

O sentido de alteridade, entretanto, estrutura-se a partir da ausência do objeto mediada pelas experiências de oscilações entre gratificações e frustrações inerentes aos vínculos objetivos.

Na condição humana, a relação da pulsão com seu objeto sendo maleável torna possível a mudança de seus fins e a busca de saídas mais adaptativas. Como nos disse Bion (2000a), o analista precisa ser capaz de sonhar essa experiência aos poucos conforme ela vai ocorrendo.

Alguns pacientes nos remetem a um estado de orfandade mental, que sugere relevantes faltas nas relações primitivas que atuam como um continente primário.

Bion (1994) nos alerta que os pensamentos se oferecem em primeiro plano, e, só depois, o pensador poderá pensá-los. Nessa perspectiva, a capacidade de pensar os pensamentos é uma condição que depende, em boa parte, das qualidades das relações continente-conteúdo vivenciadas. Analista e analisando, ao aceitarem participar desse projeto de construção de uma dupla analítica, espelham esse padrão de relação.

Algumas vezes, mobilizado por angústias não simbolizadas, o paciente ataca o

vínculo com o analista, transformando-o num continente destruído. Acredito que parte importante do nosso trabalho é tentar permanecer vivo com uma mente disponível funcionando, e, quem sabe, esse modelo possa vir a ser introjetado pelo paciente.

Acompanhar alguém na experiência de aprender a pensar as frustrações é muito gratificante. Esse caminho, contudo, pode ser antecedido por um período ameaçado pela sombra do não saber que testa nossa capacidade negativa e nossa fé na psicanálise.

Pedro e eu percorremos vários espaços marcados pela inércia de suas rígidas defesas obsessivas. Entretanto, a persistência no compromisso de caminhar juntos permitiu vivenciar belos momentos posteriores. Gradativamente, fomos constatando o desenvolvimento de seu interesse e investimento na direção que verdadeiramente o conduziria a um saber sobre si. Foi surgindo um Pedro não mais aprisionado no outro e, sim, genuinamente interessado em aprender sobre sua própria forma de sentir, desejar e pensar.

Penso que o encontro com algo inédito e criativo se alicerça na construção de uma dupla analítica verdadeiramente disponível para experimentar a turbulência da dinâmica envolvida nos processos transferenciais e contratransferenciais que acontecem na sala de análise.

Bion (2000b) nos alerta de que é preciso tornar proveitoso o que inicialmente poderia se configurar como um mau negócio.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. M. de. (2010). O desejo no neurótico obsessivo. *Psicologia Revista*. São Paulo, v. 19, n. 1, pp. 33-57. Recuperado em 01 de novembro de 2017, de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/download/5219/3753>
- Bion, W. R. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados – Second Thoughts*/ W. R. Bion (W. M. M. Dantas, Trad., pp. 127-137. 3ª. Ed. Revisada). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1967)

- Bion, W. R. (2000a). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bion, W. R. (2000b). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista de Psicanálise*; v.3, n. 7, p.491-501.
- Fédida, P. (2003). Um órgão psíquico hipocondríaco. In C. Couvreur & B. Brusset (Orgs.), *A neurose obsessiva*. São Paulo: Escuta.
- Ferenczi, S. (1992). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 39-53. (Obra originalmente publicada em 1913)
- Freud, S. (2006a). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 69, 21 de setembro de 1897. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. I, pp. 309-311.
- Freud, S. (2006b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. VII, pp. 119-231. (Obra originalmente publicada em 1905).
- Freud, S. (2006c). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. X, pp. 137-215. (Obra originalmente publicada em 1909).
- Freud, S. (2006d). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. XIV, pp. 117-144. (Obra originalmente publicada em 1915).
- Freud, S. (2006e). A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. XII, pp. 335-350. (Obra originalmente publicada em 1913).
- Green, A. (2005a). Neurose obsessiva e histeria: suas relações em Freud e a partir de Freud. Estudo clínico, crítico e estrutural. In M. T. Berlinck (Org.). *Obsessiva neurose* (pp. 165-214). São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2005b). Metapsicologia da neurose obsessiva. In: M. T. (Org.), *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, p. 215-236. (Obra original publicada em 1965)
- Lispector, C. (2002). *Correspondências*. Rocco.
- Matos, A. C. (2003). A neurose obsessiva. In *Mais amor menos doença*. Lisboa: Climepsi Editores.